

# NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 48 - Agosto de 2018



Presidente: Antônio Messias Rios Bastos

## Um exemplo a seguir

Os gestores Caixa deram um verdadeiro exemplo na campanha salarial deste ano, mantendo a unidade. Na Bahia, semanalmente realizavam reuniões e, no ápice das discussões, durante o Encontro Nacional dos Gestores, deram um “abraço simbólico” ao prédio da Caixa, no Rio de Janeiro. Uma iniciativa com grande repercussão. Coincidência ou não, a Caixa apresentou uma proposta melhor dois dias depois. | **Página 4**



## ENAGECEF



## Bahia é destaque

Mais uma vez, a Bahia teve participação de destaque no ENAGECEF, com a aprovação de todas as propostas apresentadas pelos diretores da AGECEF-BA, inclusive as sugestões sobre o Saúde Caixa, inéditas no país. Pela Associação, participaram o presidente Antônio Messias, o vice-presidente, Carlos Alberto Afonso Costa, o diretor Paulo do Amor Divino e Maria Cristina Habib (associada convidada).

Sem dúvidas, o 63º ENAGECEF, realizado no Rio de Janeiro, foi o maior de todos os tempos. Um dos pontos mais altos foi o “abraço simbólico” ao pré-

dio da Caixa, na avenida Almirante Barroso. Um momento histórico que fez valer o tema do Encontro: *União, Participação e Inovação - Construindo juntos um novo amanhã.*

O ENAGECEF foi de muitos debates. Na abertura, foi apresentado um panorama da atuação da FENAG. Segundo o presidente, Mairton Neves, a Federação está crescendo e ganhando muito mais espaço. Houve ainda discussão de temas relacionados ao ambiente de trabalho e as pendências que podem necessitar de solução judicial coletiva.

A FUNCEF também foi pauta.



Mas, como fez no ENAGECEF, o presidente da Fundação, Carlos Vieira, não apresentou nada de novo. Apenas uma alusão de “recuperação” no terceiro trimestre, mas o balanço do segundo trimestre ainda é uma incógnita.

Outro convidado, o vice-presidente da VICLI, Paulo Henrique, apresentou uma série de

informações sobre as inovações e providências que sua VP vem implementando, visando “tornar a Caixa mais competitiva”. No entanto, não se aprofundou nas questões que mais afigem o segmento, como a verticalização.

Propostas  
construídas  
no ENAGECEF

Dois dias de debates e a certeza de que os empregados Caixa precisam atrair mais apoio à defesa do banco 100% público. Este foi o saldo do XXX ENAGECEF, ocorrido em Caruaru, Pernambuco, no início de agosto.

As discussões, no entanto, vão além da Caixa. O entendimento é de que para proteger efetivamente as empresas públicas e impedir a privatização



do patrimônio nacional, é fundamental combater a agenda neoliberal e a política de austeridade imposta ao país.

O assunto foi um dos destaques do seminário *Caixa 100% pública. É mais Caixa. É mais Brasil*, que contou com a parti-

cipação da conselheira eleita do CA Caixa, Rita Serrano, do presidente da Fenae, Jair Ferreira, da ex-presidente da Caixa, Maria Fernanda Coelho, e da presidente do Sindicato de Pernambuco, Suzineide Rodrigues. Em todas as participações, uma

certeza: a sociedade precisa andar lado a lado com as entidades representativas para evitar mais retrocessos ao país.

Outros assuntos dominaram o Encontro, como FUNCEF, Saúde Caixa, campanha salarial. A falta de pessoal no banco, condições inadequadas de trabalho também estiveram em pauta.



## CAMPANHA SALARIAL

# Propostas aprovadas

Foi um processo de negociação difícil, afinal o cenário nacional não é nada favorável ao trabalhador. Mas, os empregados



da Caixa garantiram um acordo de dois anos com avanços e sem retirada de direitos. Destaque para a manutenção do Saúde Caixa nos moldes atuais e o pagamento da PLR Social.

A participação dos gestores foi de destaque. Dois dias antes de o banco melhorar a proposta, gestores de todo o país deram um "abraço simbólico" ao prédio da Caixa, na avenida Almirante Barroso, no Rio de Janeiro, para chamar a atenção da sociedade para a importância do banco 100% Público. Um momento histórico e que teve repercussão na Matriz, em Brasília.

Além do acordo específico, na mesa com a Fenaban, os bancários garantiram



também reajuste salarial de 5% sobre os salários e demais verbas e todas as conquistas da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT).

As propostas foram aprovadas em assembleia, realizada no dia 29, e os acordos assinados em 31 de agosto. A validade é de dois anos, ou seja, até 31 de agosto de 2020.

## SAÚDE CAIXA



O acordo garante a manutenção do atual modelo. Portanto, o banco continua responsável por 100% dos custos administrativos e 70% das despesas assistenciais. Os usuários ficam com 30%. A mensalidade continua a ser de 2% sobre a remuneração-base e a coparticipação sobre os procedimentos médicos, 20% limitado a R\$ 2,4 mil por ano.

Os aposentados também continuam com o direito e o conjugue, filho - inclusive adotivo -, enteado solteiro menor de 21 anos foram mantidos como dependentes diretos. Neste item, a proposta tem um avanço, pois acrescenta os menores sob tutela ou curatela.

Os pais e mães inscritos até o dia 31 de agosto deste ano continuam como dependentes indiretos, desde que preencham os requisitos do RH 043. A mensalidade não sofreu alteração. Portanto, será de R\$ 110,00 para cada um.

A proposta, no entanto, prevê aplicação do teto de 6,5% da folha de pagamento e proventos para o reembolso da Caixa a partir de 2021.

## PLR SOCIAL



A PLR Social, que a Caixa inicialmente queria ferrar, também continua. O benefício corresponde a 4% do lucro líquido apurado em 2018 dividido por todos os empregados.

## VERBAS DURANTE A LICENÇA MÉDICA



Outro ponto que a Caixa queria limitar e que no fim recuou é o direito ao vale-alimentação, vale-refeição e cesta alimentação aos empregados em licença médica.

Inicialmente, o banco propôs reduzir a concessão dos auxílios para o período máximo de 180 dias e, no caso de doenças graves, para o período máximo de dois anos.

## MAIS CLÁUSULAS



Assim como a Fenaban, o acordo terá validade de dois anos, ou seja, até 31 de agosto de 2020. E outras cláusulas melhoraram, como a manutenção da função gratificada das empregadas que estiverem em licença-maternidade, o adicional noturno e isenção de tarifas. É sempre bom ter em mente que todos esses direitos estavam ameaçados. A negociação com a Caixa foi uma das mais difíceis. O posicionamento duro do banco na mesa manteve a rodada travada por dias.

## Acordo está acima da média

O acordo conquistado pelos bancários é melhor do que a média nacional para este ano. Dados da FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) mostram que o índice de negociações fechadas caiu 39,6% na comparação entre o primeiro semestre de 2017 para 2018. Resultado da nova legislação trabalhista.

O estudo revela ainda que no mesmo período o reajuste médio nominal (reajuste cheio, sem descontar a inflação) foi de 2,80%. Em termos reais (descontada a inflação), o reajuste médio foi de 0,89%. Na Bahia, o índice foi ainda menor, de apenas 0,31%.

Diferentemente da média nacional, os bancários conquistaram reajuste de 5%, aumento real de 1,18%.



# Em debate, plano de Previdência

Gestores da Caixa marcaram grande presença no seminário sobre saúde e Previdência, realizado no dia 14. O evento faz parte da campanha em defesa do Saúde Caixa e da FUNCEF.

Todos os participantes chamaram a atenção para a im-

portância em caminhar lado a lado às entidades representativas para fortalecer a mobilização em defesa dos direitos dos empregados. Lembraram ainda as ameaças que o banco sofre e o enfraquecimento, com a redução do quadro funcional e a retirada de direitos.

Tudo para tornar o principal banco público do país atrativo ao mercado.

A primeira a palestrar, a diretora de Saúde e Previdência da Fenaef, Fabiana Matheus, fez um amplo diagnóstico sobre a FUNCEF. Destacou a falta

de transparência da Fundação na divulgação do balancete, o contencioso e o equacionamento que tem causado sérios prejuízos aos participantes. "Estamos em agosto e até agora só sabemos sobre o balanço de abril.

De acordo com o resultado, o déficit acumulado da FUNCEF é de mais de R\$ 6 bilhões. Redução de apenas R\$ 300 milhões ante dezembro".

Boa parte do rombo - R\$ 1,4 bilhão - é proveniente do contencioso gerado pela Caixa.



Mesmo assim, a Fundação insiste em empurrar o problema "para debaixo do tapete", beneficiando o banco. Enquanto isso, os participantes do REG/REPLAN chegam a comprometer mais de 30% da renda em decorrência das contribuições extraordinárias. E para o Não Saldado, a situação é ainda mais grave, por conta da quebra da paridade, resultado de uma TAC assinada pela FUNCEF e a Previc.

Fabiana Matheus complementou ainda que as medidas apresentadas pela Fundação para amenizar os prejuízos dos participantes são insatisfatórias. "A Caixa também precisa anunciar uma alternativa", conclui.

O seminário contou ainda com a participação de Emanuel Souza, membro da Comissão Executiva dos Empregados da Caixa (CEE), que fez uma importante explanação sobre a campanha salarial e o Saúde Caixa.

## Encontro da União

Um evento para não esquecer. O 1º Encontro da União, realizado pela AGE-

CEF-BA, foi um verdadeiro sucesso. Quem foi, gostou. Quem não pode ir, garante: não vai perder o próximo.

Realizado no dia 18, o encontro uniu, da melhor forma possível, diversão e confraterni-

zação entre os gestores Caixa com um bom bate-papo sobre o atual cenário nacional e no principal banco público do país. A tarde realmente foi inesquecível e fortaleceu ainda mais o segmento.

Ainda teve uma deliciosa feijoada. Uma banda de samba animou o evento que entrou pela noite. A AGECEF-BA agradece a participação de todos e já pensa no próximo.

